



Mulheres na Agricultura: Alines da vida real encontram apoio no coop

Viúva do dia para noite, ainda em estado de choque, a personagem Aline, interpretada pela atriz Bárbara Reis, procura a cooperativa agropecuária da cidade em busca de apoio. Assim como outras mulheres na agricultura, sua intenção era dar continuidade ao trabalho da família. "Quero plantar, colher, quero progredir. Agora que assumi as terras, quero entrar para a cooperativa", diz a personagem em um dos primeiros capítulos da novela Terra e Paixão, da TV Globo. Apesar de ser uma obra de ficção, a semelhança com a realidade não é mera coincidência. Assim como a mocinha de Terra e Paixão, Maria José Borges viu o marido morrer na sua frente, de forma inesperada. "Fiquei viúva de supetão. Meu marido era um homem saudável. Estava trabalhando junto com a gente na lavoura, paramos para almoçar, ele se sentiu mal e morreu ali mesmo. Deixou a marmitta, a enxada, tudo lá no meio da lavoura", recorda a produtora rural, que vive na zona rural de Poço Fundo, em Minas Gerais. Aos 60 anos, sozinha e com duas filhas, Maria José teve que assumir a produção de café da família, ao mesmo tempo em que atravessava o luto pela perda do companheiro com que passou 35 anos da vida. "Foi

muito difícil, só eu sei o que passei", relembra. "Uma das minhas filhas estava doente, então eu não sabia se me mexia para acudir as coisas que não podia deixar de fazer, como a lavoura e tudo mais, ou se cuidava dela. Me senti muito frágil, muito deprimida, mas eu sempre pensava 'eu vou vencer'." Na hora em que mais precisou, tal como a mocinha de Terra e Paixão, Maria José também buscou apoio em uma cooperativa. Mais especificamente na Cooperativa de Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região (Coopfam). "Eu não queria voltar ao trabalho. Por mim, abandonava tudo. As mulheres da cooperativa foram a minha força, fizeram tudo por mim. Elas diziam: 'se você não vier, vamos te buscar na sua casa'. E da minha casa à sede da cooperativa são 22 quilômetros, com estrada de terra, porque vivo na zona rural. Isso é união, valor de grupo", recorda. Apenas um mês depois da morte do marido, no começo de 2009, Maria José teve de enfrentar outra situação inesperada, que a fez entrar para história da cooperativa. Durante a Assembleia Geral da Coopfam – momento em que os cooperados decidem os rumos da cooperativa por meio de votação democrática –, ela foi informada que teria que votar no lugar do marido. Afinal, agora era a responsável pela produção da família. "Eu não gosto nem de lembrar da dor, do desespero e da tristeza que eu senti. Eu olhava aquela fila enorme de homens e me sentia sozinha. Chorei o tempo inteiro, enquanto estava na fila para votar", conta. Foi então que, novamente, as mulheres da cooperativa se uniram para apoiar a amiga. "Elas entraram pela porta e foram me abraçar. Fomos juntas na fila, de mãos dadas, até a urna, para eu votar", recorda, emocionada. **CAFÉ EXPORTAÇÃO** Com o apoio das cooperadas da Coopfam, Maria José

aos poucos retomou as atividades na lavoura. Primeiro, ela contratou trabalhadores. Depois, decidiu se unir a dois primos para seguir adiante com a produção – parecido com a Aline, de Terra e Paixão. "Eu sempre trabalhei com meu marido, então sabia um pouco do que precisava fazer na lavoura. A gente comunicava tudo ao outro, sobre o que estava fazendo, o que estava gastando, comprando, pagando. Então eu já tinha conhecimento sobre o nosso trabalho", explica. Conforme os anos passavam, Maria José foi se destacando na produção de café. E para retribuir o apoio recebido das mulheres da Coopfam, começou a estimular outras cooperadas e esposas de cooperados a conhecer mais sobre a produção e o trabalho de suas famílias. "Sempre falava para elas nas reuniões: procurem saber do trabalho do marido, dos negócios, da vida, saber como tudo funciona. Tinha amigas que não sabiam ir ao banco, nem o que a gente colocava no café". A representatividade conquistada, ainda que a contragosto, levou a produtora a se engajar ainda mais no grupo de mulheres da cooperativa – uma mobilização que rendeu frutos para Maria José e as demais cooperadas. Basta dizer que, em 2016, Vânia Lúcia Silva foi a primeira mulher a assumir um cargo na diretoria da Coopfam. Dois anos depois, ela foi eleita presidente da cooperativa – função que exerce até hoje. A mobilização de mulheres da cooperativa também rendeu uma marca registrada: o Café Feminino, que busca valorizar o grão produzido pelas mulheres cooperadas na agricultura. Com notas de chocolate, leite e mel, a iguaria é uma preciosidade, vendida quase em sua totalidade para os Estados Unidos. "Um dia um sobrinho me perguntou assim: 'como vocês fazem para exportar café se vocês viveram na roça a vida inteira,

não tiveram a oportunidade nem de estudar direito?'. Eu respondi: nós só sabemos produzir um bom café, mas os nossos companheiros cooperados sabem vender o nosso bom café. Isso é cooperativismo", resume Maria José — uma Aline da vida real. **RAINHA DA SOJA** Em Florai, no interior do Paraná, encontramos outra história parecida com a da novela Terra e Paixão. Quando ficou viúva, aos 52 anos, Cecília Falavigna era professora e cuidava dos filhos, enquanto o marido se dedicava à produção de café. "Quando meu marido morreu de câncer, muita gente falou 'vende, arrenda, cria gado'. Mesmo sem entender nada de roça, decidi não fazer nada disso e estou aqui, até hoje", contou a paranaense em entrevista à Revista Saber Cooperar. Uma mulher na agricultura, sem experiência nem conhecimento sobre os negócios da família, Cecília fez o mesmo que a protagonista da novela: procurou uma cooperativa, no caso, a Cocamar Cooperativa Agroindustrial — da qual se tornaria conselheira e diretora anos depois. "Eu disse para a cooperativa: estou aqui, preciso do apoio de vocês. Eu preciso de apoio para poder tocar os negócios da família. Foi aí que comecei. Não tinha noção de quantidade, mas a cooperativa me orientou sobre os alqueires, quanto eu precisava de adubo e de fertilizantes. Esta parte técnica toda ficou por conta da cooperativa", relembra. Com muito trabalho, dedicação e horas de estudo sobre tecnologias, mercado e novidades do setor agrícola, Cecília decidiu apostar na diversificação do cultivo e passou a plantar milho, soja e laranja nas propriedades da família. A ousadia da cooperada paranaense rendeu frutos. Suas duas fazendas, Santa Ana e Esperança, são referência em produtividade, rendendo vários prêmios a Cecília, como o tricampeonato no concurso de máximo rendimento na produção de soja, promovido pela Cocamar. Além do reconhecimento da cooperativa, Cecília recebeu outros prêmios por produtividade, até ficar conhecida como "Rainha da Soja" —

título concedido após ela ganhar a premiação de uma multinacional que avaliou a safra de grãos em 2015/2016. Satisfeita com o muito que realizou, essa "Aline da vida real" vem reduzindo o ritmo de trabalho aos poucos. Agora, ela planeja a sucessão da propriedade, e sonha que o filho assuma os negócios. Até lá — tal como a personagem da novela —, ela fica de olho nas terras. Afinal, nunca se sabe quais riquezas ela pode esconder.
Fonte: SomosCoop



Sistema OCB promove capacitação sobre neutralidade de carbono

Para atender demandas socioambientais dos mercados e gerar renda por meio de ativos financeiros, o movimento cooperativista tem promovido diversos encontros para avançar no tema e adotar práticas cada vez mais sustentáveis em suas cadeias produtivas e prestação de serviços. O Sistema OCB no escopo do projeto piloto de neutralidade de carbono promoveu o Curso de Mensuração de Carbono na Agricultura e Pecuária nos dias 20 e 21 de julho. O evento foi ministrado pelo Observatório de Bioeconomia da FGV e englobou capacitação e orientação dentro das metodologias de quantificação de

gases de efeito estufa (GEE) com o protocolo internacional GHG. Na parte prática, os participantes conheceram o método de estimativa e tiveram acesso a planilhas que auxiliam no cálculo das emissões nas atividades dos produtores rurais cooperados e, também, aprenderam a fazer simulações na adoção de boas práticas para a neutralização delas. O coordenador de Meio Ambiente e Energia, Marco Morato, fez a abertura do curso, agradecendo a presença de todos os representantes das cooperativas e comentou sobre o papel do Sistema OCB, seus pilares de atuação e os desafios futuros do cooperativismo na busca pela sustentabilidade, e neste tema destacou o programa ESGCoop e os projetos pilotos na área ambiental, regularização ambiental, neutralidade de carbono e energias renováveis, bem como ações que vão possibilitar que as cooperativas continuem acessando os mais exigentes mercados interno e externo. Morato também ressaltou os processos de intercooperação, divulgação e inovação. Segundo ele, o curso teve o objetivo de ensinar as cooperativas a conhecer, inventariar, monitorar e reduzir suas emissões de gases de efeito estufa (GEE). "Isso é fundamental, já que o mercado, a sociedade, estão exigindo e valorizando processos produtivos eficientes e neutros em carbono", frisou. O curso contou com a participação de 29 representantes de Organizações Estaduais e cooperativas agropecuárias e de ATER. O grupo integra um projeto-piloto idealizado pelo Sistema OCB que pretende contribuir com o planejamento de ações e o aprimoramento de soluções em áreas de regularização ambiental, energias renováveis, e neutralidade de carbono. Dessa forma, espera-se que as cooperativas se preparem para atuar como protagonistas nestas temáticas e acessar plenamente os benefícios relacionados a processos mais eficientes e sustentáveis que englobam regularidade ambiental, neutralidade de carbono, manutenção e recuperação de ativos

ambientais, e os chamados serviços ecossistêmicos por suas boas práticas produtivas. Entre os participantes estavam representantes das três cooperativas agropecuárias selecionadas pela equipe do Observatório para realizar de maneira experimental o inventário de emissões de gases de efeito estufa de suas atividades. As ações nesta temática estão apenas começando, outros dois encontros virtuais sobre o tema serão realizados neste semestre e serão abertos a todo o público cooperativista.

Fonte:

SomosCooperativismo



Cooperativismo brasileiro participa de Conferência Mundial de Cooperativas de Crédito

O cooperativismo brasileiro marca presença na Conferência Mundial de Cooperativas de Crédito, que acontece entre os dias 23 a 26 de julho, em Vancouver (Canadá). O encontro anual é promovido pelo Conselho Mundial de Cooperativas de Crédito (Woccu) para integrar os representantes dos mais de 60 países membros do conselho na discussão de temas de impacto para o segmento financeiro do movimento cooperativista. “Este encontro é mais uma oportunidade para contribuirmos com o cooperativismo

de crédito mundial, onde compartilhamos nossas experiências assertivas e absorvermos as boas práticas mundiais para nossas ações. Temos o privilégio de ter a aprovação de uma legislação em tempo recorde para atualizar e tornar ainda mais competitivo o cooperativismo de crédito brasileiro. Além do apoio do nosso Parlamento, temos uma excelente parceria com o Banco Central do Brasil para que possamos inovar cada vez mais”, declarou o presidente do Sistema OCB em referência à Lei Complementar 196/22, que moderniza o Sistema Nacional de Crédito Cooperativo. A agenda deste ano está recheada de palestras relacionadas à agenda ESG (cuidado ambiental, respeito social, boa gestão), ambiente regulatório dessas cooperativas em diferentes nações, gestão de riscos, inteligência artificial, atração do público jovem e lideranças femininas dentro do movimento. O Sistema Nacional de Crédito Cooperativo está representando pela participação de mais de 300 lideranças dos diferentes sistemas organizados em três e dois níveis, além de representantes de coops independentes e do Fundo Garantidor do Cooperativismo de Crédito (FGCoop).

Fonte:

SomosCooperativismo



LANÇAMENTO

Curso ESG

Aprenda sobre as práticas ambientais, sociais e de governança nas cooperativas

gratuito on-line curta duração

Faça sua inscrição
capacita.coop.br

capacita.coop Sistema OCB